

REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
\* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho \*  
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO  
Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa - PORTUGAL  
End. telegr. Talha - Lisboa • Telefone: 2  
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## O carvão nacional

É tradicional a inércia dos governantes e capitalistas no respeitante aos problemas que realmente interessam ao povo. A essa inércia devemos a situação miserável que atravessamos. Porém, esse desinteresse do cima é duplamente criminoso, visto que se não permite ao povo tratar do que é seu.

Nas sociedades modernas, a indústria é a principal fonte de riqueza. E esta tem tantas mais probabilidades de se desenvolver quanto mais rica for a região industrial em hulha. O carvão é ainda a principal força motriz. Assim, os países que o possuem, muito ou pouco, tratam de extraí-lo até ao último bago, porquanto sendo ele a vida e energia, representa ouro autêntico para quem o tem, visto que na sociedade capitalista energia e trabalho são por ouro e não podem substituir.

Não há muitos anos que, ao falar-se da nenhuma importância industrial deste país, se atribua tal circunstância à falta de carvão, que tínhamos de importar em larga escala, o que representava uma despesa colossal para as nossas forças financeiras, já muito abaladas.

— Tivéssemos nós carvão! — exclamavam os capitalistas, acusados de imobilizar o seu ouro ou de empregá-lo em empresas estérteis para o povo, embora muito rendosas para os ricos — e nós empregariamos o nosso capital na indústria; e nós montaríamos fábricas colossais, onde tudo se fabricasse muito mais em conta do que o que importamos do estrangeiro.

O tal carvão, porém, não existia e nós continuávamos a afundar-nos na miséria, enquanto o bom burguês emprehendedor se limitava — coitado! — a gozar os rendimentos e a engordar.

Houve em seguida quem falasse numa riqueza colossal que diariamente o capital português deixa correr para o mar — a hulha branca. O constante avanço em ciência indicava a hulha branca em substituição da negra. E' ela mais barata, a sua exploração mais fácil e a sua força mais considerável. Regiões com a felicidade de possuírem correntes e quedas de água como a portuguesa, são raras. Portugal podia, chegou-se a dizer, fornecer luz a toda a Europa. Pois nem sequer Lisboa tem luz! Encontram-nos na dura contingência de andar às escuras.

A alta finança portuguesa não cuidou nem do carvão, nem da hulha branca. O jogo da Bólsa rende mais e preocupa menos.

Continuámos a não ter indústria, porque não tínhamos carvão; continuámos na miséria porque... tínhamos hulha branca. Hoje, que temos as duas coisas, não se cuida de aproveitar nenhuma...

Ha pouco tempo *A Batalha* foi informada da existência de uma mina de carvão em Alcácer do Sal e lançou o seu brado.

Estávamos precisamente numa ocasião em que grandes empresas lutavam com falta de carvão. O serviço dos comboios foi reduzido por esse motivo; as ruas não tinham luz; o povo em casa não possuía, como não possuía ainda, combustível com que cozinhar.

## C. G. T.

### A central de sindicatos e a questão do carvão

**Questões de administração**

O Comité Confederal, nas suas últimas reuniões, ocupou-se de questões de administração, constatando haver organismos no país que não correspondem, como deveriam, aos seus deveres pelo que respeita ao pagamento integral das cotizações, sendo resolvido notificarem-se, por este meio, que não deve de descurar esta obrigação primordial, sem o que a C. G. T. não pode, ou poderá mal, desempenhar-se da alta missão que lhe incumbe, pela sua situação especial e de responsabilidade em face dos problemas nacionais e internacionais que neste momento chamam a nossa aturada atenção.

**Propaganda na provincia**

Occupou-se da propaganda e organização na provincia, deliberando enviar delegados para algumas regiões em ocasião que julgue mais oportuna, devendo contudo esses delegados partir até ao outubro, ou seja depois que terminem as eleições regionais, que ainda distraem as populações incultas e inconscientes, não deixando ver claramente a sua situação económica e moral.

**Carestia da vida**

Occupou-se ainda da campanha nacional a propósito da carestia da vida, a

## OS POBRES SENHORIOS!

### QUE SE PREPARA?

#### "O Século" ao seu lado

Se tomássemos a conta de sinceros certos artigos que, por vezes, *O Século* insere, iríamos assegurar que poucos jornais se publicam em Lisboa tão prontos em defender o povo como o que Silva Graça dirige. As campanhas contra a Moagem, por exemplo, se não soubéssemos serem feitas por despeito, agradecer-nos-iam, como agradeceriam a todos os que comem o granítico pão. Tem chegado a sua vontade de fazer opinião à transcrição, nas suas colunas, de sueltos nossos, como se alguma ligação moral houvesse entre as suas campanhas e as nossas palavras, sempre sinceras e sem intuídos reservados. Por isso não lhe agradecemos as transcrições, antes pensamos que se alguma vergonha possuisse aquele jornal, se alguns restos de moralidade lhe restassem, deveria limitar-se a defender-se dos ataques que os outros jornais, igualmente vendidos e perversos, lhe dirigem.

*O Século*, pois, que tanto amor mostra ter ao estômago do público, não se importaria de ver esse mesmo povo sem habitação.

Ontem, por exemplo, na sua edição da noite, fingia-se muito amigo do inquilino. No entanto a criação ambiente favorável à modificação da defetuosidade do inquilinato, lei que, apesar de todas as suas incongruências, ainda algumas garantias dá ao inquilino. Essa modificação, segundo o seu artigo de fundo, devia ser feita no sentido de dar mais garantias ao senhorio!

Acha, portanto, *O Século* que os senhores ainda tem poucas garantias. Eles despedem, aumentam, cometem verdadeiras barbaridades, que quasi dia a dia aqui temos registado e, segundo *O Século*, são eles os que, apesar de tudo ter subido de preço, não tem aumentado!

*O Século*, amigo do povo, defensor do povo, diz que o sr. António Granjo deve remodelar a lei «em face das condições de aproveitamento dos recursos nacionais em benefício da população do país».

O Comité ainda reunirá esta semana para mais uma vez se ocupar da campanha contra a carestia da vida.

**Processos baixos**

Não há muitos anos, quando Sidónio Pais estava no poder e os democráticos enchiam então as prisões, os republicanos opositivistas, principalmente os democráticos, hoje soberanos, bramaram contra as torturas que aos presos eram infligidas.

Falou-se na Santa Inquisição e no jesuitismo, na hipocrisia e na barbaridade, na injustiça e na tirania. Tinham razão. Num preso não se deve bater. É uma barbaridade.

Todas as palavras violentas, todos os clamores eram poucos contra semelhante infâmia. Passava-se isso, repetimos — para que não esqueça — nos selváticos tempos do dezembrismo.

Hoje, porém, os democráticos praticam exactamente as mesmas vilanias. Obrigam os presos a dizer o que a polícia apetece, arrancando-lhes confissões à pancada.

Eis um trecho dum carta particular, de Homénio Júnior, para seu pai, que bem mostra a maneira como os presos são tratados, o que vem reforçar o que há dias dissemos sobre o assunto:

Na esquadra tive que dizer o que eles queriam, senão matavam-me à pancada... Antes que me dessem um tiro do que me martirizassem.

Ve-se, por estas frases singelas, quanto os martirizaram.

E' necessário arranjar cúmplices, complices, o diabo. Arranjam-se à pancada. E' uma honra para a polícia.

Vem depois nos jornais que a *hábil* polícia conseguiu descobrir os assassinos. No fim de contas os assassinos são descobertos à pancada.

Mas nem só a agredir os presos se tem limitado a polícia. Ela leva mais longe os seus torpes processos, como consta destoutro trecho da mesma carta, que o pai de Homénio Júnior, indignado, nos veio mostrar:

O Gouveia, esse polícia que morreu por baixo de nós, disse-me que o pai lhe tinha afirmado que eu havia tirado bombas, o que eu disse ser mentira como de facto é.

O pai do referido preso reptava aquela polícia a provar, perante quem quer que seja, semelhante afirmação, que repudia como vil calúnia que é.

Miseráveis processos esses!

**União dos Sindicatos Operários**

A comissão administrativa, na sua reunião de ontem, occupou-se do expediente, dando-lhe o devido despacho.

Apreciação local dum jornal da noite de ontem, sobre a declaração ministerial, na parte respeitante à remodelação da lei do inquilinato, resolvido que se mantenha as reclamações há tempo entregues ao actual ministro da justiça, quando já doutra vez sobrou essa mesma pasta.

Por este facto resolveu que novamente se realizassem sessões de propaganda sobre o assunto, a fim de serem aceites as reclamações deste organismo na parte respeitante ao inquilinato.

O conselho de delegados que amanhã reúne para prosseguir na ordem dos trabalhos que foi suspensa devido ao adiamento da hora, occupar-se-á da situação anormal da Sociedade *A Voz do Operário* e também do momento e grave problema da carestia da vida, da

## NOTAS & COMENTARIOS

### Um jornalista

O jornalista dr. sr. Hipólito Raposo, que violentamente, como dissemos, foi julgado num tribunal militar, foi ontem condenado a três meses de prisão correccional. Repetimos: nada temos que ver com as ideias que defende aquele jornalista. E' monárquico e, portanto, as suas ideias são absolutamente opostas às nossas. Apenas temos que registar, ou melhor, protestar contra este atentado contra a liberdade de pensamento.

O que achamos extraordinário é a indiferença com que quasi todos os outros jornalistas encaram o caso.

Que diabo! Não se trata dum questão de ideias. Trata-se do desprezo por uma liberdade a qual amigos e inimigos devem ter direito!

**Exportação brasileira**

Ao que parece, o Brasil está próspero a valer. Dizem que a condição primordial para a riqueza do país é a exportação. E' o Brasil tem exportado imenso nestes últimos tempos. Que produtos exporta o Brasil com tanta abundância? Carvão? Peixe? Pião? Banana? Nada disso.

Talvez não acreditem: a principal exportação brasileira é de anarquistas portugueses. Tem exportado muitos e vem agora mais três: Artur Gomes, José Piedade e Sebastião Lourenço.

Pois apesar da importante exportação, a carestia da vida lá é insuportável...

**Os defensores da guarda**

*O Mundo*, de ontem, enfurecia-se porque lhe atacámos a briosa guarda republicana. E como os argumentos lhe não chegassem, nem pudesse contradizer a verdade do que temos dito, chamava-nos, embora veladamente, inimigos do regime, o que para nós não constitui novidade, e disse ainda que receávamos a guarda como os criminosos vulgares receiam a polícia, o que é uma afirmação gratuita.

No entanto o que dissemos ficou de pé. Irritados *O Mundo*? Não temos disso a culpa. As culpas só cabem à guarda...

## A guerra vermelha

### Os políticos impõem serenamente os carneiros para o matadouro

VARSOVIA, 20. — O exército polaco limita-se actualmente a defender os caminhos de Brest e de Odras. As forças polacas não cedem terreno e repellem as tropas vermelhas em muitos contra-ataques. Combates da retaguarda tem por fim proteger os enormes comboios de refugiados que fogem ao terror vermelho. Notícias animadoras: chegam de todas as partes da Polónia, diante da iminência do perigo a nação teve de novo o entusiasmo magnífico e o heroísmo dos mais belos dias da luta pela independência. Varsóvia está calma, os alistamentos continuam e não se ouve dizer senão «tudo para a guerra».

Nos meios políticos considera-se a passagem do momento crítico e espera-se sem nervosismo a resposta dos soviets à proposta inglesa. — *Rádio*.

**As tropas bolchevistas avançam**

VARSOVIA, 20. — Comunicado do estado maior polaco polaco, de 18 de Julho:

Na região de Lyba, depois de encarniçadas lutas, a cidade foi ocupada por bolchevistas.

Os bolchevistas lançaram um enérgico ataque contra os postos avançados polacos na Stry e concentraram-se para um ataque na direcção de Keszlin. — *Rádio*.

## O armistício com a Polónia

### Os Sovietes respondem altivamente à Polónia

PARIS, 20. — *O Daily Telegraph* julga saber que o governo britânico recebeu uma resposta dos soviets às representações feitas sobre o armistício com a Polónia.

«Esta resposta que é muito longa», escreve o *Petit Journal* — diz especialmente que o governo sovieta não reconhece a nação alguma o direito de intervir entre elle e a Polónia, mas que aceitará um armistício se aquela o pedisse claramente, pois deseja fazer a paz. — *Rádio*.

## A reacção em Espanha

### Provoca o ressurgimento do terrorismo

BARCELONA, 20. — Continua o período do terrorismo há três semanas iniciado. Novas bombas foram lançadas ontem em vários pontos da cidade, causando importantes prejuizos mas não havendo desgraças pessoais a lamentar.

O governador levantou a censura prévia à imprensa e o capitão general mandou pôr em liberdade vários detidos preventivamente. — *Rádio*.

## 1.º Congresso Nacional da Indústria do Mobiliário

Realiza-se hoje, às 21 horas, a reunião da comissão organizadora deste Congresso, para resolver sobre um assunto de transcendental importância.

Dada a magnitude do assunto, roga-se a comparencia de todos os seus componentes.

peralismo capitalista, porque também os ajudaremos na luta final para o estabelecimento do estado comunista universal. — *Manabendra Nath Roy, Aban Mukherji, Santi-Devi*.

## VAI REALIZAR-SE EM LISBOA

## O III Congresso da Organização Corticeira

### Uma série de assuntos do maior interesse corporativo

E' definitivamente nos dias 1, 2 e 3 do próximo mês de Agosto que se realiza em Lisboa o segundo congresso corporativo dos operários corticeiros de todo o país, que a Federação da Indústria Corticeira havia promovido para os dias 13, 14 e 15 do p. p. mês de Junho e que teve de ser adiado.

Nesta magna assembleia dos nossos camaradas corticeiros, que na história do movimento operário português tem páginas brilhantes, atestando o seu passado de organizadores e revolucionários, fazem-se representar todas as colectividades da respectiva industria, pelos seguintes delegados:

**Federação Nacional Corticeira:** Silvério dos Santos, Domingos Miguel e Eurico Rodrigues, delegados directos.

**Associações dos Operários Corticeiros:** — *Popo do Bispo:* Silvestre Moita, António Maria Matos e Eugénio Sotom, delegados directos; *Portalegre:* João Manuel Pimentel, delegado directo; *Silves:* Joaquim Louçã, delegado directo; *Gregório Matoso e Alfredo Costa,* delegados indirectos; *Evora:* Pascoal Gonçalves, delegado directo; *Heltor Emílio da Veiga e João dos Santos,* delegados indirectos; *Castelo Branco:* José Vilhena, José Correia e João Duarte, delegados directos; *Vendas Novas:* Manuel da Cruz Ferrão, delegado directo; *Manuel Macedo e Nomezio Alves,* delegados indirectos; *Barreiro:* Domingos Pablo, Francisco Pincho e Firmino Fernandes; *Sedbal:* ainda não foi indicado o nome do delegado directo; *Almada:* Joaquim Peças, João Caramelo e Benigno Antunes, delegados directos; *Vila da Feira:* José Ventura, delegado directo; *Faro:* João Guerreiro, delegado indirecto.

*Socções corticeiras, Belém:* Paulo Se-87, 1.º

A Federação enviou já a todas as associações e secções, um officio recomendando-lhes o máximo cuidado no envio dos elementos que habilitem o Congresso a tomar resoluções com perfeito conhecimento de causa, devendo indicar: horário de trabalho, número de operários sindicados e não sindicados, preço da mão de obra e média dos salários de jorna, número de mulheres e menores ao serviço da industria, média dos preços dos géneros indispensáveis à vida, condições higiénicas das oficinas e qual o estado moral da classe. Todos estes elementos dirão respeito a cada uma das localidades.

Os delegados directos devem apresentar-se munidos das suas credenciais, e as colectividades que se fazem representar por delegados indirectos, devem enviar à Federação as credenciais, que a mesma distribuirá áquelles.

O congresso, que dará diariamente duas sessões, uma de manhã, outra à noite, realiza-se na sede da Associação dos Fabricantes de Armas e Officinas Accessórias, Campo de Santa Clara

## AS GREVES

### Pessoal da Casa da Moeda

O movimento do pessoal operário da Casa da Moeda tomou uma firmeza muito maior, devido a terem-se passado factos de grande importância, para completa e breve solução do conflito, fazendo-se a justiça que aos grevistas é merecida.

Sobre este movimento recebemos a seguinte nota:

«O comité está informado que uma comissão de operários foi recebida pelo sr. ministro das finanças, a quem demonstrou quanto era justa a pretensão do pessoal, ponderando-lhe também o prejuizo que estava acarretando a todo o país a paralisação daquele estabelecimento do Estado.

O sr. Inocêncio Camacho respondeu à comissão que, no mais curto espaço de tempo, ia resolver o assunto, fazendo a justiça merecida, mas consentânea com os recursos do tesouro.

Portanto, camaradas, nada de desânimos, pois que a nossa vitória é um facto, e é necessário que seja dado todo o apoio e confiança ao vosso comité.»

**Cabouqueiros e fabricantes de cal**

Reúnem estas classes para apreciar as *dímarques* realizadas pela comissão que foi ao gabinete do governador civil, onde devia encontrar-se com uma comissão de industriais. Apenas compareceu um industrial, que informou estar a classe patronal disposta a manter a oferta já conhecida.

Em face desta resposta a assembleia votou uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Retomar o trabalho, aceitando a oferta emanada da Associação Industrial Portuguesa, transitóriamente.

2.º Nomear uma comissão para ficar em negociações com o governador civil e a classe patronal, até completa satisfação da reclamação de aumento de salário.

3.º O comité depõe o seu mandato, dando a assembleia toda a confiança à comissão, que fica nomeada em harmonia com a 2.ª conclusão desta moção.

4.º Saudar *A Batalha*, pela publicação dos comunicados da greve.

Da Associação dos Chauffeurs, veio um delegado especialmente para saldar as classes de cabouqueiros e fabricantes de cal.

**Chauffeurs**

Reúnem esta classe para apreciar a marcha do movimento, o qual se apresenta com o melhor aspecto, pois que durante o dia vieram, ou mandaram, dar as suas adesões perto de 200 proprietários de automóveis, predominando os particulares, os quais fizeram declarações por escrito de que estavam conformes com as nossas reclamações, sendo alguns de uma grande amabilidade para com a classe, encontrando-se esta penhoradíssima para com eles.

Foi aprovada uma saudação por unanimidade, à Confederação Geral do Trabalho e outra a *Batalha*. O Comité pede à classe, para serenamente e unida como um só homem, esperar pela terminação do movimento, pois que a continuar assim as adesões, é fora de dúvida que muito breve estará findo.

O Comité está trabalhando afanosamente para o bom êxito do movimento, e saúda a classe em geral, desejando solidariedade.

Hoje às 20 horas continua a assem-

## Equiparação de vencimentos

Recebemos da Arcada a seguinte informação:

«A comissão de funcionários públicos que trata da equiparação de vencimentos procurou ontem o sr. presidente do ministério, a quem pediu que no programa do governo fosse incluída a equiparação. O dr. sr. António Granjo aquiesceu da melhor vontade aos desejos dos comissionados e prometeu satisfazer essa velha aspiração logo que as circunstâncias do tesouro o permitam.

O chefe do governo reconheceu que mesmo os funcionários melhor remunerados não estão em condições financeiras de arcar com a actual carestia da vida, mas reconhece também que é necessário ter em atenção que neste momento os cofres públicos se encontram esgotados.

Por culpa dos políticos, acrescentamos nós.

## Pelos Correios e Telégrafos

## Regime inquisitorial

Não estamos ainda a meio do caminho, que nós e a *Batalha* nos propunhamos desbravar e já novas e antigas barbaridades estão sendo cometidas pelos esbirros.

Os processos são autenticamente inquisitoriais. Vamos passar a expor apenas alguns casos, dada a grande falta de espaço com que este intrépido baluarte luta.

Acaba de cumprir a pena de três dias de suspensão um trabalhador dos correios. Sabem porque? Por não querer gritar!

Na segunda porta, ou seja a distribuição das 12 horas, há uma camarada que, possuindo voz sonora, costuma ler em ordem e mandar sair o pessoal. Percebia por esse serviço especial qualquer gratificação. Como lhe tirassem, recusou-se a gritar mais.

Apesar de estar no seu pleníssimo direito, já porque a tal não é obrigado, já por não lhe pagarem, já por suspensão de serviço por três dias sem vencimento!

Esta vítima dos famigerados esbirros é um belo camarada, cumpridor dos seus deveres e um bom chefe da família, que ficou privado de receber este mês menos uns 10\$00.

Outro teve uma conversa puramente particular com um camarada. Um dos familiares ouviu e foi acúso-lo.

Logo lhe levantaram o "auto" só porque classificou de pouca vergonha a roubalheira, como nós lhe chamaríamos, aos atuais descontos.

Veja-se bem o crime deste camarada. Quando pretendia responder, negaram-se a mostrar-lhe o processo e tentaram coagi-lo a responder por escrito naquele momento diante deles, esbirros. Porém, o dito camarada, que já esperava tal infâmia, levava escrito antecipadamente o que devia apresentar.

Este processo é novo nos correios e telégrafos e dele são estes artigos seriam capazes de lançar mão.

O resultado desta nova patifaria é desconhecida por enquanto, mas como o almejado tem trabalhado e trabalha no indicado e por esse motivo é considerado pelos tiranos como elemento perigoso, é de crer que o inquisidor-mor, o condene à fome e a sua família, por alguns meses, privando-o dos seus honorários.

O último, por agora, foi suspenso por 30 dias, sem ser avisado, sem saber porque e sem processo.

Disseram-lhe verbalmente que se achasse o castigo injusto, reclamasse. Reclamou efectivamente a pobre vítima e, mais uma vez, ficou convencido que os esbirros não atendem ninguém.

Como se pode deprender, isto é uma autêntica inquisição. Se é certo que não suportamos os horrores do cárcere, do azeite e do alcatrão a ferver no dos madeiros em fartas labaredas, contudo o sofrimento moral infligido e as dificuldades materiais tornam-se dolorosas.

Não podem as vítimas revoltar-se, porquanto a hora não chegou e porque o melo não lhe proporciona por enquanto. Entretanto a sede de vingança é latente.

Nos peitos sente-se ardentemente a repulsa e o ódio, que os esbirros provocam. O cérebro e o espírito da grande maioria andam perturbados. Outros adoececem. Alguns camaradas, minados pelo desgosto, tem estado gravemente enfermos. O efeito moral produzido é simplesmente horrível.

Os mais animosos, repugnando-lhes a colaboração com tais bandidos, tem requerido licenças ilimitadas. Os mais novos e decididos, que não estão dispostos a sacrificar-se por uma classe que podia ser grande, e não o é porque não quer, não dão satisfações, e não poncos temido não barra fora, procurar no estrangeiro o que aqui nos negam.

Mas muitos, devido aos grandes descontos que tem tido, à família, às suas despesas adquiridas no serviço, etc., não o podem fazer.

E os tiranos que conhecem bem com quem lidam, tem tripudiado livremente, sem que um severo exemplo se tenha dado.

Quando se resolver a classe a pôr termo a tanta infâmia e tirania.

Sim, quando terá esse gesto ativo e digno?

Quando a classe se resolver os nossos amigos são:

Sanches, C. Oliveira, A. G., P. Costa, Cesar Nunes, Leão Cabreira, Ferraz das Barbas, D. Pessanha, Bernardo Figueiredo, Roberto dos Santos, Castanheira, La Retor e Pires Ferreira.

Como por agora já tendes que fixar, quedemo-nos por aqui.

Três FIXES

Os metalúrgicos a bordo do vapor "Figueira".

Descontentes porque não tem sido aumentados, conforme foram os seus colegas de oficina, os operários metalúrgicos que trabalham a bordo do vapor *Figueira*, por conta da Companhia União Metalúrgica, queixaram-se no respectivo sindicato, que reconheceu a injustiça praticada para com esses camaradas, delegou no camarada Joaquim da Silva, a fim de, acompanhado duma comissão dos mesmos operários, entreter os gerentes da fábrica e conseguir que justiça lhes fosse feita.

Conseguiram a comissão obter dos gerentes, o compromisso de que o salário do pessoal de bordo seria aumentado, em igualdade de circunstâncias com o pessoal das oficinas, logo que os trabalhos do vapor *Figueira* terminassem, o que se dará até ao fim da semana, e que o pessoal que, a título adventício, está ao serviço daquela companhia, seja transferido, uma parte para as oficinas e a outra para os trabalhos de bordo do vapor que deve chegar por estes dias e cujas reparações serão executadas pela mesma casa.

Os gerentes da C. U. Metalúrgica declararam a comissão quando era intenção sua prejudicar os operários, porquanto tinham em consideração não só a situação das mesmas perante a atenção da vida, como igualmente o atender às necessidades da indústria pela falta de braços.

**Tribunal acelerado**

O dr. sr. Fátos Luz Teixeira Coelho foi nomeado para exercer as funções de presidente do Tribunal de Defesa Social, durante a ausência, por licença, do dr. sr. Jacinto Pina.

## Vida Sindical

## COMUNICAÇÕES

**Trabalhadores da Imprensa.**—Reuniu ontem a direcção, que aprovou as contas referentes ao mês de Junho último, as quais escusam um saldo no Cofre de Beneficência de 15.209,25, tendo de reserva 2.308,82 e o cote ordinário 5204,92, total 18.126,87,2.

Esta associação continua com toda a regularidade a dar subsídios mensais a alguns jovens e uma série de subsídios a outros doentes e desamparados.

A direcção ocupou-se também do aniversário, realizado no dia 3 de Agosto próximo, na inauguração do retrato do decano dos jornalistas, dr. Magalhães Lima.

No programa da festa figura uma interessante *matinée* de arte, em que colaborarão vários artistas, de todos os teatros de Lisboa, e uma orquestra de câmara da empresa do teatro da Trindade.

**Operários Alfaiates.**—Reuniu a direcção, lamentando a falta, pela segunda vez, do camarada Abel Salas. Reconheceu-se que a assembleia de segunda-feira p. p. não se realizou pelo facto do secretário não ter tido a precisa convocação, lamentou que a direcção não tivesse providenciado a presença da assembleia geral, recomendando-lhe a convocação.

Deve ainda esta semana ser enviada às comissões de alfaiates existentes em algumas fábricas, para serem enviadas a uma reunião que provavelmente se realizará em A. Batalha.

Aprecia um local do Sindicato dos Alfaiates do Porto, inserido no n.º 38 de A. Batalha, referente à não publicação duma notícia do mesmo sindicato num nosso colega do Porto, deliberando enviar-lhe sobre o assunto e também ao Sindicato.

Foi ainda resolvido convidar a comissão de propaganda a reunir na próxima terça-feira.

Todos os camaradas que queiram ir ao passeio a Oeiras, promovido pelo Grupo D. e M. da Construção Civil, devem levar os bilhetes até ao próximo sábado, 26.

O camarada encontra-se em todas as tardes, para os camaradas que costumam pagar na sede e para atender aqueles que tenham reclamações a fazer. Foram aprovados os seguintes artigos:

**Corteiros de Lisboa.**—Reuniu este sindicato com uma enorme concurrencia da classe, em que se destacava o elemento feminino, para apreciar as reclamações que os mesmos tinham a fazer, e para deliberar sobre o preço da manufatura dos trabalhos que ocupam na indústria.

Reuniu-se a comissão para fazer todas as fábricas para consulta às restantes camaradas, que motivos vários não deixaram comparecer à reunião. Hoje reúnem para deliberar sobre a resolução.

Reuniu-se a assembleia, em sinal de homenagem ao camarada Francisco Pinheiro, que morreu em Portugal, enviando um telegrama de pêsames e conservar a bandeira a meia haste.

Francisco P. Conchinhas foi um dos pontos de encontro da comissão de organização com um afincado denodado, próprio daqueles que não vacilam. A sua vida associativa foi um exemplo que todos deviam seguir.

## CONVOCAÇÕES

**Federação do Livro e do Jornal.**—Reuniu hoje o secretariado e a comissão do Conselho Central para resolver assuntos importantes e urgentes: o conflito gráfico de Beja e o aumento de cota federal, etc.

**Sindicato Ferroviário.**—É convocado para reunião os membros do Conselho Central, para apreciar o constante aumento da cota federal e a deliberação sobre o assunto.

**Frangoteiros.**—Reuniu hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral, para tratar de assuntos de interesse para a classe.

**Sindicato Único da Construção Civil.**—Conselho administrativo. Reune hoje, pelas 21 horas, devendo comparecer todos os membros do Conselho Central, para apreciar a situação da classe e a deliberação sobre o assunto.

**Secção Profissional de Serpentes.**—Reune hoje, pelas 21 horas, a comissão profissional de Serpentes, para tratar de assuntos de interesse para a classe.

**Secção dos Serradores.**—Tendo saído errada a última tabela de preços de serragem pela parte da tipografia, a comissão de Serradores, para a próxima semana, componentes e estancioneiros que onde se lê: Vigamentos do pich-pich e pino até 8 centavos cada metro, 6 avos, deve ler-se: 5 centavos.

**Operários da Limpeza e Sanidade Pública.**—Reuniu a comissão administrativa para tratar do caminho a seguir, mas por falta de alguns camaradas, ficou marcada para a próxima semana, pelas 18 horas. Pede-se a presença de todos os camaradas da Comissão de Melhoramentos, que ninguém falte.

**Inscritos Marítimos.**—Reuniu hoje em assembleia geral, pelas 20 horas, para nomear duma comissão para o estudo de aumento de salário e outros assuntos de interesse para a classe.

**Telegrafos e Enxertos.**—Reune hoje, pelas 21 horas, a comissão de Enxertos, para tratar de assuntos de interesse para a classe.

**Sindicato Único Mobiliário.**—Comissão administrativa. O secretário convidou a comissão para tratar de assuntos de interesse para a classe.

Na próxima sexta-feira reúne a assembleia deste sindicato para resolver sobre a situação da classe e a deliberação sobre o assunto.

**Conselho Técnico e de Melhoramentos.**—Reuniu hoje, pelas 21 horas, para tratar de assuntos de interesse para a classe.

**Operários de Belem.**—Reuniu hoje, em assembleia geral, para apreciar um ofício do Sindicato de Belem, sobre o aumento de cota federal e a deliberação sobre o assunto.

**Indústria do Mobiliário.**—A comissão organizadora desta classe, tem hoje reunido a maioria dos jovens da indústria, o que ainda não é bastante, e assim notifica a comissão organizadora, para que seja aberta a inscrição para todos os camaradas da indústria.

Comunica esta comissão a todos os associados desta classe, para que compareçam a esta reunião, a comissão organizadora, em Belem, para a primeira assembleia geral na próxima terça-feira.

**Núcleo da Construção Civil.**—Reune hoje, pelas 21 horas, a comissão organizadora, para tratar de assuntos de interesse para a classe.

**Núcleo da Indústria do Vestuário.**—Reuniu a comissão organizadora tomando conhecimento da situação da classe e a deliberação sobre o assunto.

**Núcleo da Indústria do Vestuário.**—Reuniu a comissão organizadora tomando conhecimento da situação da classe e a deliberação sobre o assunto.

**Núcleo da Indústria do Vestuário.**—Reuniu a comissão organizadora tomando conhecimento da situação da classe e a deliberação sobre o assunto.

**Núcleo da Indústria do Vestuário.**—Reuniu a comissão organizadora tomando conhecimento da situação da classe e a deliberação sobre o assunto.

**Núcleo da Indústria do Vestuário.**—Reuniu a comissão organizadora tomando conhecimento da situação da classe e a deliberação sobre o assunto.

**Núcleo da Indústria do Vestuário.**—Reuniu a comissão organizadora tomando conhecimento da situação da classe e a deliberação sobre o assunto.

**Núcleo da Indústria do Vestuário.**—Reuniu a comissão organizadora tomando conhecimento da situação da classe e a deliberação sobre o assunto.

**Núcleo da Indústria do Vestuário.**—Reuniu a comissão organizadora tomando conhecimento da situação da classe e a deliberação sobre o assunto.

**Núcleo da Indústria do Vestuário.**—Reuniu a comissão organizadora tomando conhecimento da situação da classe e a deliberação sobre o assunto.

## TEATROS &amp; CINEMAS

## Primeiras

**POLETEAMA.**—A Labareda, peça em 3 actos, de Kistemaker, trad. de Melo Barreto.

Não é muito defensivo a tese da Labareda, a não ser analisada chauvinisticamente. Com efeito, um casal desvendo que tora a união mais fortemente quando o culpado da desunião—o marido—assassina um capão que se propunha subornar, só um estranho e torcido critério patriótico pode aceitar. De resto, a peça está belamente delineada, e abstrahindo a inconsistência do seu fulcro principal, é agradável de ouvir.

Contudo, um primeiro acto algo escueto. A Labareda, apresentada na República por Brazão, servia para Alves da Cunha patentear os cotos excelentes que possuía de actor moderno, estudioso, realizando com firmeza e felicidade o tipo, violento e amoroso, simultaneamente, do tenente-coronel Feit.

Infelizmente, com o que aliás já contavam os seus antecedentes, não deram, sem dúvida, a pior interpretação que esta época temos presenciado.

Berta Viana da Mota não pôde arcar com todas as dificuldades do seu papel, desfalçando visivelmente nas passagens mais importantes, em que a sua ingratia vez por mais, dada a sua memória, que também se esqueceu de estar presente ontem. Araújo Pereira, especialmente no terceiro acto, não conseguiu fazer a sua parte, fazendo, fez sofredoramente o seu papel. Samuel Diniz e Otelo de Carvalho também não fizeram figura. João Lopes foi tudo menos um bom actor, não fazendo caso nem da idade nem do carácter da personagem. Os restantes, uma vergonha. É possível que com mais algumas representações a peça seja mais bem aceita, mas a verdade é que a peça não tem dado por pronta uma peça cheia de dificuldades como a Labareda, que foi a coisa mais pedagógica com cunho que se tem visto.

A marcação é boa e o cenário não merece.

**Notícias**

A peça nova que vai em breve ser representada no Nacional é a *Castro*, de Ferreira, trágica do século XVI, adaptada ao teatro, por João de Castro, fazendo o papel de um actor moderno, estudioso, realizando com firmeza e felicidade o tipo, violento e amoroso, simultaneamente, do tenente-coronel Feit.

Não é muito defensivo a tese da Labareda, a não ser analisada chauvinisticamente. Com efeito, um casal desvendo que tora a união mais fortemente quando o culpado da desunião—o marido—assassina um capão que se propunha subornar, só um estranho e torcido critério patriótico pode aceitar. De resto, a peça está belamente delineada, e abstrahindo a inconsistência do seu fulcro principal, é agradável de ouvir.

Contudo, um primeiro acto algo escueto. A Labareda, apresentada na República por Brazão, servia para Alves da Cunha patentear os cotos excelentes que possuía de actor moderno, estudioso, realizando com firmeza e felicidade o tipo, violento e amoroso, simultaneamente, do tenente-coronel Feit.

Infelizmente, com o que aliás já contavam os seus antecedentes, não deram, sem dúvida, a pior interpretação que esta época temos presenciado.

Berta Viana da Mota não pôde arcar com todas as dificuldades do seu papel, desfalçando visivelmente nas passagens mais importantes, em que a sua ingratia vez por mais, dada a sua memória, que também se esqueceu de estar presente ontem. Araújo Pereira, especialmente no terceiro acto, não conseguiu fazer a sua parte, fazendo, fez sofredoramente o seu papel. Samuel Diniz e Otelo de Carvalho também não fizeram figura. João Lopes foi tudo menos um bom actor, não fazendo caso nem da idade nem do carácter da personagem. Os restantes, uma vergonha. É possível que com mais algumas representações a peça seja mais bem aceita, mas a verdade é que a peça não tem dado por pronta uma peça cheia de dificuldades como a Labareda, que foi a coisa mais pedagógica com cunho que se tem visto.

A marcação é boa e o cenário não merece.

**Notícias**

A peça nova que vai em breve ser representada no Nacional é a *Castro*, de Ferreira, trágica do século XVI, adaptada ao teatro, por João de Castro, fazendo o papel de um actor moderno, estudioso, realizando com firmeza e felicidade o tipo, violento e amoroso, simultaneamente, do tenente-coronel Feit.

Não é muito defensivo a tese da Labareda, a não ser analisada chauvinisticamente. Com efeito, um casal desvendo que tora a união mais fortemente quando o culpado da desunião—o marido—assassina um capão que se propunha subornar, só um estranho e torcido critério patriótico pode aceitar. De resto, a peça está belamente delineada, e abstrahindo a inconsistência do seu fulcro principal, é agradável de ouvir.

Contudo, um primeiro acto algo escueto. A Labareda, apresentada na República por Brazão, servia para Alves da Cunha patentear os cotos excelentes que possuía de actor moderno, estudioso, realizando com firmeza e felicidade o tipo, violento e amoroso, simultaneamente, do tenente-coronel Feit.

Infelizmente, com o que aliás já contavam os seus antecedentes, não deram, sem dúvida, a pior interpretação que esta época temos presenciado.

Berta Viana da Mota não pôde arcar com todas as dificuldades do seu papel, desfalçando visivelmente nas passagens mais importantes, em que a sua ingratia vez por mais, dada a sua memória, que também se esqueceu de estar presente ontem. Araújo Pereira, especialmente no terceiro acto, não conseguiu fazer a sua parte, fazendo, fez sofredoramente o seu papel. Samuel Diniz e Otelo de Carvalho também não fizeram figura. João Lopes foi tudo menos um bom actor, não fazendo caso nem da idade nem do carácter da personagem. Os restantes, uma vergonha. É possível que com mais algumas representações a peça seja mais bem aceita, mas a verdade é que a peça não tem dado por pronta uma peça cheia de dificuldades como a Labareda, que foi a coisa mais pedagógica com cunho que se tem visto.

A marcação é boa e o cenário não merece.

**Notícias**

A peça nova que vai em breve ser representada no Nacional é a *Castro*, de Ferreira, trágica do século XVI, adaptada ao teatro, por João de Castro, fazendo o papel de um actor moderno, estudioso, realizando com firmeza e felicidade o tipo, violento e amoroso, simultaneamente, do tenente-coronel Feit.

Não é muito defensivo a tese da Labareda, a não ser analisada chauvinisticamente. Com efeito, um casal desvendo que tora a união mais fortemente quando o culpado da desunião—o marido—assassina um capão que se propunha subornar, só um estranho e torcido critério patriótico pode aceitar. De resto, a peça está belamente delineada, e abstrahindo a inconsistência do seu fulcro principal, é agradável de ouvir.

Contudo, um primeiro acto algo escueto. A Labareda, apresentada na República por Brazão, servia para Alves da Cunha patentear os cotos excelentes que possuía de actor moderno, estudioso, realizando com firmeza e felicidade o tipo, violento e amoroso, simultaneamente, do tenente-coronel Feit.

Infelizmente, com o que aliás já contavam os seus antecedentes, não deram, sem dúvida, a pior interpretação que esta época temos presenciado.

Berta Viana da Mota não pôde arcar com todas as dificuldades do seu papel, desfalçando visivelmente nas passagens mais importantes, em que a sua ingratia vez por mais, dada a sua memória, que também se esqueceu de estar presente ontem. Araújo Pereira, especialmente no terceiro acto, não conseguiu fazer a sua parte, fazendo, fez sofredoramente o seu papel. Samuel Diniz e Otelo de Carvalho também não fizeram figura. João Lopes foi tudo menos um bom actor, não fazendo caso nem da idade nem do carácter da personagem. Os restantes, uma vergonha. É possível que com mais algumas representações a peça seja mais bem aceita, mas a verdade é que a peça não tem dado por pronta uma peça cheia de dificuldades como a Labareda, que foi a coisa mais pedagógica com cunho que se tem visto.

A marcação é boa e o cenário não merece.

**Notícias**

A peça nova que vai em breve ser representada no Nacional é a *Castro*, de Ferreira, trágica do século XVI, adaptada ao teatro, por João de Castro, fazendo o papel de um actor moderno, estudioso, realizando com firmeza e felicidade o tipo, violento e amoroso, simultaneamente, do tenente-coronel Feit.

Não é muito defensivo a tese da Labareda, a não ser analisada chauvinisticamente. Com efeito, um casal desvendo que tora a união mais fortemente quando o culpado da desunião—o marido—assassina um capão que se propunha subornar, só um estranho e torcido critério patriótico pode aceitar. De resto, a peça está belamente delineada, e abstrahindo a inconsistência do seu fulcro principal, é agradável de ouvir.

Contudo, um primeiro acto algo escueto. A Labareda, apresentada na República por Brazão, servia para Alves da Cunha patentear os cotos excelentes que possuía de actor moderno, estudioso, realizando com firmeza e felicidade o tipo, violento e amoroso, simultaneamente, do tenente-coronel Feit.

Infelizmente, com o que aliás já contavam os seus antecedentes, não deram, sem dúvida, a pior interpretação que esta época temos presenciado.

Berta Viana da Mota não pôde arcar com todas as dificuldades do seu papel, desfalçando visivelmente nas passagens mais importantes, em que a sua ingratia vez por mais, dada a sua memória, que também se esqueceu de estar presente ontem. Araújo Pereira, especialmente no terceiro acto, não conseguiu fazer a sua parte, fazendo, fez sofredoramente o seu papel. Samuel Diniz e Otelo de Carvalho também não fizeram figura. João Lopes foi tudo menos um bom actor, não fazendo caso nem da idade nem do carácter da personagem. Os restantes, uma vergonha. É possível que com mais algumas representações a peça seja mais bem aceita, mas a verdade é que a peça não tem dado por pronta uma peça cheia de dificuldades como a Labareda, que foi a coisa mais pedagógica com cunho que se tem visto.

A marcação é boa e o cenário não merece.

**Notícias**

A peça nova que vai em breve ser representada no Nacional é a *Castro*, de Ferreira, trágica do século XVI, adaptada ao teatro, por João de Castro, fazendo o papel de um actor moderno, estudioso, realizando com firmeza e felicidade o tipo, violento e amoroso, simultaneamente, do tenente-coronel Feit.

Não é muito defensivo a tese da Labareda, a não ser analisada chauvinisticamente. Com efeito, um casal desvendo que tora a união mais fortemente quando o culpado da desunião—o marido—assassina um capão que se propunha subornar, só um estranho e torcido critério patriótico pode aceitar. De resto, a peça está belamente delineada, e abstrahindo a inconsistência do seu fulcro principal, é agradável de ouvir.

Contudo, um primeiro acto algo escueto. A Labareda, apresentada na República por Brazão, servia para Alves da Cunha patentear os cotos excelentes que possuía de actor moderno, estudioso, realizando com firmeza e felicidade o tipo, violento e amoroso, simultaneamente, do tenente-coronel Feit.

Infelizmente, com o que aliás já contavam os seus antecedentes, não deram, sem dúvida, a pior interpretação que esta época temos presenciado.

Berta Viana da Mota não pôde arcar com todas as dificuldades do seu papel, desfalçando visivelmente nas passagens mais importantes, em que a sua ingratia vez por mais, dada a sua memória, que também se esqueceu de estar presente ontem. Araújo Pereira, especialmente no terceiro acto, não conseguiu fazer a sua parte, fazendo, fez sofredoramente o seu papel. Samuel Diniz e Otelo de Carvalho também não fizeram figura. João Lopes foi tudo menos um bom actor, não fazendo caso nem da idade nem do carácter da personagem. Os restantes, uma vergonha. É possível que com mais algumas representações a peça seja mais bem aceita, mas a verdade é que a peça não tem dado por pronta uma peça cheia de dificuldades como a Labareda, que foi a coisa mais pedagógica com cunho que se tem visto.

## A BATALHA

## Na Alemanha

**Como se estivessem em sua casa.**

BERLIN, 20.—As autoridades da Entente proibiram a circulação do jornal *Bandeira Vermelha* nos distritos por eles ocupados.—*Rádio.*

**Os operários formam um exército?**

BERLIN, 20.—O jornal *Warte*, de Hamburgo, denuncia a existência de operários que se constituíram num exército radical dirigido por um membro local do partido independente socialista.

Quando o governo alemão é obrigado a aceitar na Conferência da Paz as cláusulas respeitantes ao desarmamento, os operários armam-se secretamente, constituindo um perigo enorme.—*Rádio.*

**Um grande catastrophe**

BERLIN, 20.—Houve uma enorme catastrophe em Seaborn. Explodiu um depósito de munições que se compunha de 300 barracas de madeira contendo uma enorme quantidade de granadas, incluindo granadas com gases asfixiantes, muitas habitações íngrem da cidade, cuja permanência já era perigosa. Muitos combóios foram organizados para evacuar o resto da população. Os prejuízos ascendem a um milhão de marcos.—*Rádio.*

**Aumenta o número dos sem-trabalho**

BERLIN, 20.—O número de operários sem trabalho na Alemanha aumentou de 270.000 no primeiro de Junho a 290.000 em 15 de Junho para 312.000 no primeiro de Julho devido à paragem de laboração de muitas indústrias cujos artigos não tinham venda.—*Rádio.*

**Em volta da Rússia Vermelha**

O novo presidente da delegação russa

LONDRES, 20.—Dizem de Moscou que Kamenoff foi designado pelo governo dos soviets para substituir Krasine como presidente da delegação russa para o Tratado das relações comerciais com a Inglaterra.

Krasine será o vice-presidente dessa delegação.—*Rádio.*

**Execução dum commissário claudicou?**

VLADIVOSTOCK, 20.—Comunicam de Irkutsk que o commissário Barsik, que ordenou a execução do almirante Koltchak, acaba de ser condenado a morte por ter conservado em seu poder e para seu uso certos objectos que pertenciam ao almirante.—*Rádio.*

**A Paz com a Polónia**

Se a Polónia pedir o armistício a Rússia aceita-o porque deseja a paz

LONDRES, 29.—O *Daily Telegraph* recebeu a resposta do Governo dos Soviets com respeito à Polónia. A resposta é muito extensa e diz que o governo dos soviets não reconhece a nenhuma nação o direito de intervir em armistício e a Polónia mas que aceitará o armistício se a Polónia o pedir, pois a Rússia deseja a paz.—*Rádio.*

**A revolução na China**

As forças do governo derrotadas

LONDRES, 20.—Notícias recebidas da China dizem que as forças governamentais sofreram uma grande derrota, tendo retirado rapidamente para Pekin, seguidas pelas forças inimigas.

As comunicações telegráficas e por caminho de ferro entre Pekin e Tien-Tsin estão suspensas.—*Rádio.*

**As asneiras dos aliados**

Os italianos estão cometendo verdadeiras barbaridades

BERLINO, 20.—Comunicam do gabinete da imprensa: A *«Epoca»* escreve: «Verdadeiramente a situação da população italiana sobre a nossa população de seus bens no centro do Adriático. Os saques e as destruições são insuportáveis, em Trieste são superiores a todas as provocações italianas manifestadas até agora. Tragicamente a sorte desesperada desta parte da nossa nação a qual o meu destino e a injustiça da diplomacia europeia, crearam a situação de submissão da Itália.

Contra os actos bárbaros cometidos em Trieste e contra as provocações italianas, a população italiana protesta com toda a energia. Pedimos que se construa o que se tem destruído e que se deem garantias seguras de que semelhantes provocações não se renovem. Não queremos nem podemos abdicar da nossa dignidade, nem consentimos que ela seja ofendida.

A Itália deve estar bem atenta para ver que não se podem ser as consequências de tudo isto; não seremos culpáveis se se enveredarmos por um caminho que a nós nos venha a custar muito mais prejudicial para a Itália.—*Rádio.*